

território, em determinado tempo, possuindo determinado poder, cujo detentor o exerce com autoridade segundo o direito em ordem ao bem comum. A presente dissertação mostra que Álvaro Ribeiro reflectiu sobre cada um destes factores, podendo concluir que a procura do bem comum, mais do que uma técnica, depende do exercício das virtudes éticas, designadamente a prudência, donde a dependência da política face à pedagogia, garantida nas fontes da tradição e nos anseios e esperanças do povo. E daí também a necessidade de o político e o politólogo estarem por dentro das relações entre filosofia, pedagogia e política, com as articulações atinentes à linguagem, à antropologia, à cosmologia e à teologia. Partindo da análise de factores que estiveram na origem da crise de uma série longa de gerações, que entre 1820-1945 se debatem com o que será o Nacionalismo e a melhor maneira de no país “restabelecer o que estava destruído” (p. 47), procura definir o que foi Portugal sobrevivente e mostrar que houve todo um pensamento que permitiu, por um lado, cimentar uma teoria da linguagem, do conhecimento/pensamento, centrado este em ideias acerca do homem, do cosmos e de Deus, e, por outro, lançar um movimento com uma teoria do procedimento ou uso da liberdade, preocupado com as ideias de Nação (povo e território), Instituições: Casamento, como alicerce da família e República, encarada esta como Economia e Sociedad, e do Estado tomado este como Soberania e Direito, sem esquecer a teoria da pátria estruturada sobre valores tais como a língua, a arte, a história, um modo de filosofar, ou seja uma maneira de ter e de ser. Em apêndice oferece um rápido esboço do que se poderia designar irmandade ou árvore genealógica do movimento da Filosofia portuguesa, o único movimento que nos últimos cinquenta anos conseguiu pôr “as pessoas a dialogar” (p. 219), apontando não só os seus iniciadores, mas tam-

bém os componentes das sucessivas gerações, assinalando tanto os seus promotores como os seus opositores e os seus próximos, o mesmo fazendo a seguir com os periódicos ou revistas. Estamos perante uma muito interessante dissertação nascida de um interesse prolongado pela obra de A. Ribeiro, nome assinalável no amor à sabedoria na pátria portuguesa – *António de Araújo*.

BRACCI, SILVANO e outros – *Marco da Montegallo (1425-1496). Il tempo, la vita, le opere. Atti del Convegno di studio Ascoli Piceno 12 ottobre 1996 e Montegallo 23 agosto 1997*. Col. “Centro Studi Antoniani” 30. – Vol. de 243x172 mm e 293 pp., *Centro Studi Antoniani*, Padova, 1999.

Pertence o biografado ao grupo observante de grandes pregadores franciscanos que enfrenta as tendências paganizantes do renascimento italiano do século XV, cujos nomes são, para alguns casos, já bem estudados e conhecidos, como por ex. Bernardino de Sena, Alberto de Sarteano, João de Capistrano, Tiago da Marca, ou ainda António de Rimini, António de Bitonto e Bernardino de Feltro, entre outros. O Beato Marco de Montegallo surge agora, graças às presentes *Actas* de um colóquio, com trabalhos em 1996 e 1997, estudado no seu ambiente apostólico e de empenhamento social, qual era o da época tardo-comunal em que a actividade financeira, prestamista e usurária mereciam uma vigilância atenta por parte das entidades eclesiásticas. Além dum enquadramento do organizador (Bracci) sobre a *reforma franciscana* nesse tempo (pp. 9-21), inclui textos de Giancarlo Andenna, *Empréstimo, interesse e usura na época comunal. Reflexões económico-canónicas (séc. XII-XIV)* (23-41), de Alexandra Veronese, *A actividade financeira dos judeus no centro-norte de Itália e a polémica anti-usura (séc. XIV-*

XV) (43-61), de Daniele Montanari. *Crédito e caridade: os montepios nos alvares da idade moderna* (63-70) e de Mario Sensi. *M. da Montegallo, apóstolo dos montepios* (231-234). O texto mais estruturado e, no dizer de R. Grégoire, magistral, é sem dúvida o de uma especialista na matéria, Elide Mercatili Indelicato. *Marco da Montegallo: aspectos e problemas da sua vida e obra* (pp. 71-229). Embora continue a faltar um estudo global sobre a sua obra literária, passamos todavia, graças a esta A., a dispor agora de um excelente trabalho bibliográfico que nos fornece um retrato sólido desta simpática figura de escritor e pregador franciscano, defensor e criador directo de diversos montepios – *António de Araújo*.

#### SAÚDE / ECOLOGIA

1 — WARNER R. e GIROLAMO G. de – *Schizophrenia*;

2 — *Lexicon of cross-cultural terms in mental health*;

3 — *Health promotion in the workplace: Alcohol and drug abuse*;

4, 5 e 6 — *Who expert committee on drug dependence*. (É o título comum dos três últimos cadernos).

Volumes e cadernos de 240x160 mm e, respectivamente, 139 pp.: 41 pp.: VI+34 pp.: IV+20 pp.: VI+50 pp.: VI+26 pp.: WHO/OMS: Genebra, 1995: 1997: 1993: 1995: 1998: 1999.

A publicação das recensões constitui a continuação de uma tradição, apoiada pela OMS, de publicar a apreciação de obras sobre problemas diversos de saúde e do ambiente. Desta vez reunimos uma série de publicações: as duas primeiras obras referentes à saúde mental e as quatro seguintes centradas nos problemas das drogas e das consequências do seu uso e abuso. São

problemas da maior actualidade. Os quatro últimos títulos fazem parte de uma monumental colecção *Who Technical Report Series*. Uma das vantagens destas obras é pôr-nos em contacto com os resultados e as resoluções a que a chancela da autoridade técnica e prática da OMS dá garantia. Não são textos muito desenvolvidos, mas sínteses muito densas sobre o estado das questões e soluções que se estão a propor e a pistas para novas soluções.

1. O volume *Schizophrenia* refere-se a um tipo de doença que se apresenta com muitas facetas: A esquizofrenia é constituída por “um grupo de psicoses marcadas por severas distorções e desordens do pensamento, da percepção, da motivação e do feitio: desilusões e alucinações são comuns como são os comportamentos bizarros e o isolamento social”. Antigamente, era conhecida a doença como demência precoce. O termo foi incrementado por Eugen Bleuler. Paradoxalmente, as doenças mentais mudam de cultura para cultura, excepto a esquizofrenia que aparece em todas as culturas.

2. *Lexicon of cross-cultural terms in mental health*. É um dicionário de muitas palavras sobre saúde mental, palavras que são comparadas com palavras em outras línguas e os seus variados significados. É feito por variados especialistas, mas os portugueses estão ausentes e é por isso que, por exemplo, a palavra *susto* aparece no dicionário como usada na América Latina sem nenhuma referência a Portugal. Nemo ao Castelhana de Espanha. Aparece também a expressão um “ataque de nervos” como um síndrome da América latina quando existe em Espanha e Portugal. Como estas, outras afirmações são parciais.

3. 4., 5. e 6 são quatro cadernos com relatórios da organização mundial da saúde. O primeiro dos quatro ocupa-se do